

# **“ESTOU A MUDAR, ESTOU SENDO OUTRA PESSOA” : A IDENTIDADE DOS ESTUDANTES GUINEENSES EM SEU PROCESSO EDUCATIVO NA UNILAB EM REDENÇÃO/CE.**

## **"I AM CHANGE, I AM BEING OTHER PERSON": THE IDENTITY OF STUDENTS GUINEAN IN YOUR EDUCATIONAL PROCESS IN UNILAB IN REDENÇÃO/CE.**

### **"YO SOY EL CAMBIO, YO ESTOY SIENDO OTRA PERSONA": LA IDENTIDAD DE LOS ESTUDIANTES EN SU GUINEANO PROCESO EDUCATIVO EN UNILAB EN LA REDENÇÃO/CE.**

Maria Marluce TEIXEIRA<sup>1</sup>  
Deyseane Maria Araújo LIMA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo investigar as transformações da identidade dos estudantes guineenses em relação ao seu processo educativo na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com base na Psicologia Social Crítica. A UNILAB fica localizada em Redenção à 55 km de Fortaleza-CE. A pesquisa foi de abordagem qualitativa. Os registros foram feitos a partir de entrevista semiestruturada e círculo de cultura. Tendo como fundamentação teórica a Educação Libertadora de Paulo Freire e a Identidade na Psicologia Social Crítica. Participaram da pesquisa cinco estudantes de Guiné-Bissau, dois homens e três mulheres, cujas idades variavam entre 21 a 28 anos. Os guineenses, contaram um pouco da história de vida e expressaram que já estão adquirindo uma nova identidade, através dos estudos recebidos pela UNILAB, das novas perspectivas que, com o passar dos dias, vêm tornando-se presente. A pesquisa foi de grande relevância para a Psicologia Social Crítica por possibilitar uma compreensão da identidade na relação entre sujeito e sociedade.

**Palavras-chave:** Processo educativo; Identidade; Psicologia Social Crítica.

**ABSTRACT:** This article aims to investigate the changes in the identity of Guinean students in relation to their educational process at the University of International Integration Lusophone African-Brazilian (UNILAB), based on Critical Social Psychology. The UNILAB is located in Redemption at 55 km from Fortaleza. The research was qualitative approach. The recordings were made from semi-structured interview and crop circle. With the theoretical basis the Liberating Education Paulo Freire and Identity in Critical Social Psychology. The participants were five students from Guinea-Bissau, two men and three women, whose ages ranged from 21 to 28 years. Guineans, told some of the history of life and expressed that they are already acquiring a new identity through the studies received by UNILAB, new perspectives, with each passing day, they have become present. The research was of great relevance to the Social Psychology Review by enabling an understanding of identity in the relationship between subject and society.

**Keywords:** educational process; Identity; Critical Social Psychology.

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo investigar los cambios en la identidad de los estudiantes guineanos en relación con su proceso de formación en la Universidad de Integración Internacional africanos de habla portuguesa-brasileña (UNILAB), basado en psicología social crítica. El UNILAB se encuentra en la redención a 55 km de Fortaleza. La investigación fue aproximación cualitativa. Las grabaciones se hicieron a partir de cultivos círculo entrevista y semi-estructurado. Con la base teórica de la educación liberadora de Paulo Freire e identidad en psicología social crítica. Los participantes fueron cinco estudiantes de Guinea Bissau, dos hombres y tres mujeres, con edades comprendidas entre 21 a 28 años. Guineanos, dijo algo de la historia de la vida y expresó que ya están adquiriendo una nueva identidad a través de los estudios recibidos por UNILAB, nuevas perspectivas, con cada día que pasa, se han convertido en la actualidad. La investigación fue de gran relevancia para la Revista de Psicología Social al permitir una comprensión de la identidad en la relación entre el sujeto y la sociedad.

**Palabras clave:** proceso educativo; la identidad; psicología social crítica.

<sup>1</sup> Aluna da especialização em psicologia social e comunitária da Faculdade de Tecnologia Intensiva (FATECI). marluceteixeira484@gmail.com

<sup>2</sup> Professora no curso de Psicologia. Centro Universitário Estácio do Ceará e UniNassau - deyseanelima@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

“Quem cede a vez, não quer vitória  
Somos herança da memória, temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite, fato real de nossa história.”  
(Identidade – Jorge Aragão)

O artigo relata o resultado da pesquisa feita com estudantes guineenses em seu processo educativo na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Guiné-Bissau é situada no litoral oeste (banhada pelo Atlântico) da África e faz fronteiras com Senegal e a República de Guiné Conacri. A capital Bissau é uma simples cidade africana de aproximadamente 200.000 habitantes. De clima tropical, sua culinária local é a base de arroz, aves e frutos do mar. Sua moeda é o Franco CFA (Comunidade Financeira Africana), cuja unidade (1.00FCFA) é dividida em cem centavos.

Há cerca de trinta grupos étnicos, 99% africano (Balanta 30%, Fula 20%, Manjaca 14%, Mandinga 13%, Pepel 7%, Europeu e Mulato menos do que 1%). Neste lugar, a religião apresenta-se desta forma: indígena 50%, muçulmanos 42%, cristãos católicos 7% e cristãos evangélicos 1% [ CITATION OLI14 \l 1046 ].

A língua oficial é a portuguesa (oficial), crioulo e línguas africanas. O crioulo é a mais difundida entre elas. É considerado como um dos países mais diferentes do mundo e atravessa graves problemas de saúde, pobreza e educação. Na República de Guiné-Bissau, como outros países em vias de desenvolvimento, a maior parte da população vive da agricultura e, muitas vezes, permanece isolada devido ao analfabetismo e a falta de transporte.

Esta pesquisa justifica-se pela experiência da pesquisadora ao perceber a construção de uma nova identidade do irmão que mora em Cacine (Guiné-Bissau) há dezenove anos no trabalho com a realização de sonhos na aldeia, que gerou a construção de uma escola e transformando a realidade sofrida em novas conquistas e sonhos. Desta forma, nasce o desejo e a curiosidade em aprofundar o conhecimento sobre a identidade e o processo educativo dos estudantes de Guiné-Bissau.

O artigo visa compreender como se deu esse processo de formação e transformação da identidade dos estudantes guineenses no processo educativo na UNILAB na Psicologia Social Crítica. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) surgiu em julho de 2010, em Redenção, cidade pioneira na abolição da escravatura em 1883, a 55 km da capital cearense. Nasce como uma das possibilidades para contribuir e incentivar que estudantes do continente africano tenham uma experiência de formação acadêmica no Brasil.

A pesquisa teve como fundamentação teórica a Educação Libertadora de Paulo Freire, e estudos da Identidade na Psicologia Social Crítica. Por meio desse estudo e vivência com a comunidade africana, torna-se possível conhecer com maior proximidade a sua identidade, a sua história de vida e as motivações que levaram a essa busca de novos conhecimentos, em um país diferente. Deixando o seu contexto de vida, de valores, sua cultura, sua história, para trazer o sonho de uma nova perspectiva de vida. Também investigar a história de vida, analisar as motivações que

levaram a essa busca e compreender o desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos na UNILAB.

Ana Maria Freire (2003) afirma que Paulo Freire sentia grande semelhança entre nossa cultura e a africana, no jeito de usar o corpo e andar, de rir, de movimentar-se, no modo de enfrentar dificuldades com um grande poder de resistência. Os africanos nunca deixaram de procurar a sua verdadeira identidade histórica e cultural. Esses povos se submeteram por mais de cinco séculos à colonização malvada e perversa dos colonizadores portugueses.

Faltou, por certo, nessas nações africanas o fator integração entre as diferentes etnias e entre os diferentes povos da mesma etnia, dificultando assim os avanços necessários na educação e, conseqüentemente, para o crescimento global das novas nações. Com as dificuldades, e as condições de vida dos africanos, surgem novos desejos, novos sonhos e, conseqüentemente, nova realidade.

## **METODOLOGIA**

Este artigo teve como referência metodológica a pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1994, p.21) “onde responde as questões muito particulares, mergulha no mundo de significados, das ações e as relações dos sujeitos”.

A entrevista semiestruturada foi realizada na tentativa de compreender a história de vida, explicar a dinâmica das relações sociais entre os guineenses, que são cheios de memórias, de valores, atitudes, costumes e crenças.

Com a pesquisa de campo houve uma aproximação com os sujeitos, com o resultado deste convívio, da vivência da realidade, possibilitou a criação de novas ideias e de novos conhecimentos.

Desta forma, participaram da pesquisa cinco estudantes de Guiné-Bissau, dois homens e três mulheres, cujas idades variam entre 21 a 28 anos. Nesta pesquisa, utilizamos nomes fictícios para os estudantes e descrevemos sucintamente a história de vida e os sentimentos em relação ao seu país e o Brasil:

Tito é um jovem simples, muito calmo de voz mansa, muito inteligente e expressa em sua fala o amor pelo seu país e muitas saudades de seus pais. Nina é a mais nova do grupo, é alegre e vaidosa, gosta de falar, já domina o português do Brasil muito bem, é questionadora, cheia de opiniões e tem grandes ideias. Lena é magra, pequena, parece uma criança, muito alegre, de voz forte, porém frágil, é muito dedicada aos estudos e tem grandes sonhos. Rubro é o mais velho dos entrevistados, o único a ter sua trajetória educacional em escola pública, é firme em suas colocações, é muito pensativo, profundo em seus questionamentos, tem grande preocupação com seu país, com seus estudos, é muito reservado e gosta de pintar. Dora chegou recentemente ainda está adaptando-se com a nova vida, muito simpática, vaidosa, fala pouco, no entanto com uma linguagem bem desenvolvida, expressa felicidade e o colorido de suas roupas são contagiantes.

Com base em Minayo (1992), concebemos campo de pesquisa como recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, representando uma realidade empírica a ser estudada a partir das concepções teóricas que fundamentam o objeto da investigação.

Nesta pesquisa, também utilizaremos o círculo de cultura, que para Freire (1987, p. 17), “revive a vida em profundidade crítica. A consciência merge do mundo vivido, objetiva-o,

problematiza-o, compreende-o como projeto humano”. Essa é uma atividade desenvolvida em círculo onde todos possam se ver, acompanhado por um facilitador(a) que coordena o grupo, promovendo um trabalho que vai além do aprendizado individual de saber ler e escrever, faz-se leitura do mundo, da vida, seus afetos e também ensinam modos próprios, novos, solidários, coletivos, populares, de pensar e de agir diante do mundo. E todos aprenderão juntos, promovendo o ensino e aprendizagem do grupo. Ao realizar o círculo de cultura, foi trabalhada a identidade pessoal, como você se vê como africano, levando a conversas, risos, ao mesmo tempo reflexões, retorno a sua origem, ao seu país, enfim momento riquíssimo para o exercício dialógico, para o crescimento coletivo e incentivo ao processo educativo.

Com a atividade, observou-se que Nina expressava sua família, a sua aldeia, Tito, uma aldeia harmônica e colorida; Lena, a amada família, e na sua expressão no momento, era de muita saudade; Rubro, a sua aldeia, e algumas atividades do local; Dora, ainda um pouco em transição, mostrou as pessoas de sua aldeia, no entanto todos demonstraram um pouco de sua vida em Guiné-Bissau. Porém, percebi que já houve uma certa influência da modernidade brasileira no modo de vida de cada um, no modo de vestir-se, no uso de alguns acessórios, maquiagem e mudança nos cabelos. Após a atividade, há intenção de voltar ao local que se realizou a pesquisa com o objetivo de apresentar os resultados aos colaboradores.

### **1. “OLHANDO PARA SI, PARA O OUTRO E PARA A SOCIEDADE”: IDENTIDADE NA PSICOLOGIA SOCIAL CRÍTICA.**

A Psicologia Social inicia-se dentro de duas tendências; uma na tradição dos Estados Unidos, com objetivo a criar atitudes e interferir nas relações grupais para harmonizar e garantir o crescimento do grupo. É uma atuação na reconstrução da humanidade que acabava de sair da segunda guerra mundial. A outra tendência segue a tradição filosófica europeia, com raízes na fenomenologia, buscando modelos científicos, como Kurt Lewin e a sua teoria de campo.

A Psicologia Social passa a ser questionada nos meados da década de 1960. Assim apontando para uma crise dos conhecimentos psicossociais que por não possibilitar uma reflexão sobre as problemáticas vivenciadas pela realidade social dos sujeitos.

Após o movimento de 1968, na França, a tradição psicanalítica é retomada com força. Fazendo uma crítica à Psicologia Social norte-americana que não consegue mais resolver os problemas sociais, que acompanham a realidade de outros países. Começa a crise da Psicologia Social. A crise da Psicologia Social chega ao congresso de Psicologia Interamericana, onde é denunciada, realizado em Miami, 1976.

Os outros países começam se organizar, a Venezuela cria a sua Associação de Psicologia Social (AVEPSO) em intercâmbio com os psicólogos sociais de cada país. Foi criada também a Associação Latino Americana de Psicologia Social (ALAPSO), nos anos 60.

Surge nos anos setenta, a crise da Psicologia Social que assume uma conotação política, na América Latina. Em uma época de movimentos de resistência e oposição às ditaduras militares que chegava ao poder com o apoio dos EUA.

Uma corrente da Psicologia Social fez oposição aos modelos clássicos da área, aos descompromissos com os problemas concretos da população. Como representantes dessa corrente, temos Martín Baró (espano-salvadorenho), Silvia Lane (brasileira) e Maritza Montero (venezuelana), suas obras estão voltadas para uma Psicologia Social Crítica, preocupados com a realidade dos povos da América Latina e com as mudanças dessa mesma realidade. Com esse objetivo, a certeza da participação social e o desenvolvimento da consciência.

Em 80, houve um rompimento de um grupo de psicólogos com a ALAPSO e a seguir surge a criação da Associação Brasileira de Psicologia Social ABRAPSO, em São Paulo, sob a coordenação de Silvia Lane, na intenção de discutir a relação entre a Psicologia Social, ideologia e sociedade. Na mesma época surge a Psicologia Comunitária.

Assim, a Psicologia Social Crítica, o ser humano biológico não sobrevive por si, ele precisa de uma ligação, de uma interação, ele fala, aprende, ensina, transforma a natureza, constitui a sua identidade. O homem é cultura, é história, é transformação, é metamorfose. Silvia Lane (2012, p.78) escreve que: “o ser humano traz consigo uma dimensão que não pode ser descartada, que é a sua condição social e histórica, sob o risco de termos uma visão distorcida (ideológica) de seu comportamento”

Ciampa (2012, p.58) fala que a identidade aparece em uma pergunta aparentemente simples, quem é você? Quem sou eu? Quem eu estou sendo? Quando surge esta pergunta podemos dizer que estamos buscando a nossa identidade. É um conhecimento que buscamos de nós mesmos. Rubro fala um pouco sobre si, sua família e um pouco de sua identidade.

“Nasci no interior do país, depois de dois anos, três anos de idade eu fui levado para capital, onde eu cresci debaixo das orientações da minha família e tudo que tenho é ligado aos ensinamentos, a educação da minha família. Quando pequeno eu me afastei do meu pai e vivi sempre afastado, ele vive em Dakar (Senegal). Vivi sempre com a minha mãe, a minha avó, meus irmãos que são, duas irmãs e dois irmãos. Como já disse você tem sempre que obedecer as mães ou melhor seus pais”

Para que sua identidade seja reconhecida, não é só o nome que o define, portanto ao falar da mãe, do pai, da família define uma posição social, que está localizada em uma família determinada. A identidade estabelece-se através das relações sociais que desenvolvemos e constitui na presença do outro. Ao falar de seu país, do seu passado, das dificuldades, dos estudos em Guiné-Bissau, Rubro e Tito revelam sua identidade, seu sonho, seu desejo de buscar novos conhecimentos.

“Bem, eu nasci no capital de Bissau, aí nasci em Panthá numa zona da capital. Nós somos cinco, tenho três irmãos e uma irmã. O meu pai é mecânico e a minha mãe é professora. Como se sabe né, as famílias lá em Bissau são muito alargadas e aí nós vivemos com os primos, os tios e sobrinhos” (Tito, 21 anos).

A identidade é vista de forma decisiva, assegurando o que a pessoa é ou não é, sendo a diferença e igualdade assim assemelha-se ao pensamento de Ciampa (2005), ao afirmar que a identidade, atua no campo das possibilidades e impossibilidades, devendo, portanto, ser analisada levando em conta a visão de uma constante metamorfose, de transformação, de mudança.

Ao conhecer os Guineenses, percebe-se o que o definiam como africanos no Brasil, o que os uniam na situação de deslocamento, por estarem num local onde se consideram e são considerados estrangeiros. Construindo sua identidade móvel, a sua comunidade de destino, unindo-se como “comunidade africana”, passando por cima de suas diferenças religiosas, étnicas, de parentesco e de

nacionalidades, ressignificando assim seus referenciais de identidade, unindo-se em um território comum, a sua nova África.

Em Redenção os estudantes guineenses para atingirem os seus objetivos, articulam as diferenças como estratégia, para se adaptarem a uma nova realidade em sua convivência com indivíduos vindos de outros países e lugares próximos de Redenção. Longe de casa, da família, dos amigos, partilham muitas vezes, não só da moradia, mas também das saudades, tristezas, alegrias, dificuldades e conquistas, embora isso não exclua dos conflitos que ocorrem entre os estudantes de nacionalidades e etnias iguais ou diferentes.

“Ainda estou em processo de adaptação, tem algumas coisas que, são totalmente diferentes com o que acontece lá em Bissau. Quando nos chamam de; ei, vem cá! Isto é um transtorno, nós entendemos como falta de respeito, principalmente com uma pessoa mais velha. Com relação a comida é também muito diferente, quando cheguei eu não comia na UNILAB, eu não conseguia, não estava habituado, eu passava mal, quando chegava em casa é que fazia alguma coisa para me alimentar.”(Tito, 21anos)

Já Nina, 20 anos, fala que:

“Adaptei-me logo, pois entendi que tudo é normal, que todos os povos têm sua determinada cultura, tem a estrutura da sua própria sociedade. Mas o que tive mais dificuldade foi na linguagem, pois o povo brasileiro tem sua fonética, a língua é a mesma, mas diferente da nossa fonética de Guiné-Bissau”.

Desta forma, percebemos que a diferença ou mudança, não destrói a sua identidade natural, quem é você, a sua origem. A identidade é algo próprio de uma individualidade que define o ser, não se reproduz em outra pessoa.

“O primeiro grupo social do qual fazemos parte é a família, exatamente quem nos dá nosso nome. Nosso primeiro nome (prenome) nos diferencia de nossos familiares, enquanto o último (sobrenome) nos iguala a eles. Diferença e igualdade. É uma primeira noção de identidade”. (CIAMPA, 2012, p.63)

Dessa forma, evidenciam-se as diferenças e os pontos comuns existentes entre indivíduos, de acordo com o grupo social em que são inseridos. Segundo Góis (1987), “para Vygostsky, Freire e Lane, o indivíduo ao transformar a realidade se apropria cada vez mais dela, tornando-se assim sujeito da sua história e interagindo com o mundo, adotando uma atitude crítica frente a realidade.”

Tito fala que:

“Desde pequeno eu fui incentivado a buscar, a procurar o que eu quero, a procurar mais conhecimento. Os meus pais desde criança incutiam uma coisa na minha mente, que é procurar o saber, isso ficou comigo até agora e é o que eu tenho para fazer.”

A Educação de Paulo Freire (1968) visa a criação de uma pedagogia crítica-educativa. Que fizesse da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, que resultará na luta para uma libertação.

Ele queria libertar o homem de toda opressão, tornando-se um sujeito crítico e reflexivo capaz de transformar sua realidade e inserir-se na sociedade de forma efetiva. Freire era um sonhador e lutava para que se realizassem os seus sonhos, ele acreditava na possibilidade de mudança do ser humano.

“Digo que o ser humano tem sempre suas ambições, eu sempre tive a ideia de me formar, mas não sendo no Brasil, pensava em ser mesmo em Bissau, eu já estava estudando numa Universidade, fazendo o primeiro ano de Direito, quando saiu o edital para UNILAB, fiz minha inscrição e consegui a aprovação. Fiz porque eu sei que o Brasil tem um nível de estudo, superior em relação ao meu país. Além do ensino ser elevado em relação ao meu país, também me dava a oportunidade de conhecer outra realidade, viver outra vida, outra cultura, precisava

conhecer, ampliar minha visão cultural. Precisava mesmo sair de lá, eu nunca saí do meu país”.(Rubro,28 anos)

Através do método da alfabetização, Paulo Freire (1968) acreditava que poderia chegar a um processo de consciência crítica do sujeito. Acreditava que o sujeito aprendia a ler e transformar, através do conhecimento crítico, toda a exclusão social, para a formação de uma sociedade. Dentro deste pensamento, na construção da Educação Libertadora, faz-se necessário compreender a educação como um processo de formação humana.

No entanto em Guiné-Bissau este processo é difícil, como Nina traz em sua fala:

“O estudo em Guiné-Bissau é complicado, se a pessoa não tiver dinheiro para estudar, não tiver uma família rica é difícil, porque a escola pública, toda hora entra em greve, o governo atrasa o salário dos professores e o ensino fica muito fraco.”

Para libertar-se e mergulhar em novos conhecimentos, no aprender de dentro para fora, Nina continua a falar que:

“Não entende tudo do português do Brasil, por causa do sotaque. Lá a gente fala mais o português de Portugal. Para me comunicar com os meus colegas brasileiros, torna difícil, porque eu falo uma coisa eles entendem outra, é preciso repetir umas muitas vezes, é muito complicado.”

Nina sente a necessidade de ser compreendida e de compreender para tornar-se livre, libertar-se para o conhecimento intelectual.

Desta forma, Freire (2000) afirma que ensinar não é somente transmitir conhecimento e sim proporcionar o convívio, a troca de experiência, para que o aluno aprenda. Sua pedagogia considera o valor do “saber popular” e vê como uma possibilidade de transformação. Sua proposta de alfabetização revolucionou, embora tenha sido alvo de inúmeras críticas, no entanto é inegável sua grande contribuição na transformação no sistema educacional.

Freire (1991, p.69) afirma que a educação deve ser usada como prática de liberdade, porque ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, os homens se libertam juntos, em comunhão. Dora encontra-se em seu processo de libertação, através de novos conhecimentos recebidos na UNILAB. Ela nos diz: “acho que o meu conhecimento com relação a realidade de mundo, está mudando de forma positiva com ajuda da UNILAB, de está contribuindo para melhorar o meu conhecimento”

Nota-se saber que o conhecimento, a consciência, a educação incomoda, o poder público, prefere o povo na escuridão, sem saber muito bem o que é nada. Portanto ao alfabetizar o sujeito, tem a oportunidade de sair do escuro, a conhecer e transformar, sair da opressão, ir gritar bem alto o que estava na sua consciência e sair da ignorância.

A proposta de alfabetização do Paulo Freire foi levada a outros países, que ele achava muito parecido com sua terra natal (Recife). Ao chegar a Guiné- Bissau, era usado muito a ideia de escrever cartas para o grupo que ele preparava, o qual faria parte do processo de educação que seria trabalhado em Bissau. Suas cartas eram escritas de fato com o objetivo de gerar dúvidas e fossem discutidas posteriormente. Havia uma grande dificuldade na língua, o país havia passado pelo processo de libertação, então quem sabe deve ensinar àquele que não sabe. Ao chegar à independência, houve a mobilização de fazer uma grande alfabetização.

O ideal era alfabetizar a todos, porque ao chegar à independência, Guiné- Bissau tinha

93,7% de analfabetos. Então começa uma grande mobilização, sensibilização de envolvimento, para que os jovens de todo o país despertassem o desejo de se alfabetizar. Houve muito sucesso e muitas dificuldades. Porque, apesar do entusiasmo, não havia os conhecimentos, a experiência pedagógica de como iria ser desenvolvido o trabalho.

O primeiro problema era a língua, a alfabetização estava sendo feita em português, os guineenses não estavam a compreender. Como era que os colonizadores haviam passado quinhentos anos e não ensinaram a língua deles e naquele momento queriam ensinar português?

Tinha que se usar algum instrumento para alfabetizar e não se tinha a capacidade de alfabetizar em todas as línguas. Então decidiram usar o português, caso não desse certo, usariam o crioulo, que é uma língua falada por mais ou menos 80% da população.

Paulo Freire (2003) deu grande apoio intelectual, era um homem realmente de uma capacidade, de uma oralidade extraordinária na explicação e no envolvimento, foi o professor de todos em Bissau. Passávamos horas discutindo todas as questões, disse Mário Cabral (Ministro da Educação da época).

Depois da independência, não havia professores, a maior parte destes eram as esposas dos militares, a busca de professores foi de cooperação com os professores portugueses. Eis o motivo da influência portuguesa, ser tão presente na educação guineense.

Foi boa a experiência de Paulo Freire (2003), pois teve a capacidade de sistematizar essa experiência, que a fez mais oral, pois não se escrevia. Ele fez através de cartas, escrevia para serem lidas e se tornar mais fácil o processo dos trabalhos em Bissau.

Amilcar Cabral era um grande professor, um grande líder, infelizmente faltou no momento muito precioso do desenvolvimento histórico do país. Era um homem simples, de uma grande capacidade de diálogo, razão pela qual conseguiu realmente colar as partes e construir pouco a pouco a nação guineense. Isso era um processo pedagógico. Era um intelectual africano e tinha uma grande perspectiva para o futuro. Portanto a influência de Amilcar não foi de ontem, de hoje, mas será ainda do amanhã, porque se tem muito que aprender com seus ensinamentos.

A experiência que se tinha com Paulo Freire (2003) e sua equipe ajudaram não só a alfabetização, mas todo o processo de instauração do sistema educativo do país.

No desenvolvimento do país com relação à educação houve e ainda há muitas falhas, porque a educação não foi considerada um problema de toda a sociedade.

“Acho que tenho muito a dar a educação do meu país, porque no princípio, como os nossos pais falavam, a educação era bem forte, a pessoa tinha que saber o livro inteiro, mas hoje por causa do incentivo, o não pagamento, os professores não dão aula, não cobram e assim o ensino não é tão forte. Aqui no Brasil é muito conteúdo, muita coisa, temos que estudar muito”. (Tito, 21 anos).

Com a fala de Tito, nos remete a curiosidade de saber como era a educação o dia a dia em Guiné-Bissau no tempo colonial, era uma escola seletiva, pouca gente tinha acesso à escola. De acordo com Amilcar Cabral, em Guiné-Bissau 99% da população não podia ir à escola, pois era só para os filhos dos funcionários públicos, sendo natural que fossem à escola.

Atualmente nem todos têm acesso ao ensino de qualidade, pois as escolas particulares são somente para quem pode pagá-la e a escola pública, geralmente, é precária, pois são ausentes os

recursos, a formação de professores e condições dignas de trabalho docente.

O método educacional era o professor que sabia tudo e que ensinava tudo, os alunos só tinham que aprender, se não aprendessem era na lei da palmatória e da vara. Achavam que a pancada era a chave para abrir as consciências, para aprenderem melhor. A relação professor e alunos era hierarquizada. Os métodos eram muito rígidos, pouco democrático e o espírito de dar e receber era muito pouco constatado. Os professores obrigavam a decorar, como dizia Paulo Freire “a comer, a mastigar esse conhecimento, tinha pouco de inspirador, pouco de participativo”.

Segundo Freire (1996, p. 134) “estar disponível e estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam.” Nesse sentido os professores e os alunos precisam estar em harmonia para que se aprenda com prazer.

Observa-se que, hoje ainda vem se arrastando a influência do decorar os conteúdos, no entanto a educação também se apresenta com avanços, como Nina nos coloca em sua fala:

“Aqui nós temos um bom ensino, temos a tecnologia mais avançada do que no meu país, né. Não é que não tenhamos um bom ensino, é porque com a tecnologia e o avanço da ciência no mundo hoje é bem rápido e avançado. Os métodos de ensino da Universidade onde eu iniciei o meu curso de economia, é bem diferente do que vejo hoje, aqui tem mais pesquisas, pesquisas além do que estamos a aprender. Aqui é mais aperfeiçoado, aprofundado e exige mais d’agente.”

Na busca de continuar a sua educação já iniciada em Bissau, os Guineenses migram para a UNILAB como uma forma de defender o conhecimento que tanto desejam, a nova vida, de encontrar novos sonhos. Freire (1987, p.23) afirma: “não posso dizer que aja entendido todas as palavras que foram ditas aqui, mais uma coisa posso afirmar: cheguei a esse curso ingênuo e, ao descobrir-me ingênuo, comecei a tornar-me crítico.” Nina tem entendido e tornado-se crítica como demonstra na sua fala:

“Para dizer a verdade (risos), o projeto de vida se constrói desde criança, porque a pessoa nasce já com uma concepção inata. Nasce logo sabe o que quer, tem sonho de algo forte dentro do seu ser. Com os conhecimentos que estou adquirindo na UNILAB, não só na UNILAB, no Brasil, é, porque eu posso também aprender ainda em outras Universidades, com outros professores enfim em muitos lugares. Eu penso assim, eu sempre pensei em ser ministra, ter um cargo maior (muitos risos), para poder mostrar as pessoas o que eu posso fazer, que o conhecimento que aprendi não foi só para mim, mas sim é para passar também para os outros.”

Ao chegarem a Redenção, nesta perspectiva há encontros e desencontros, há dificuldades e decepções. Encontram as barreiras do preconceito racial, da diferença em fazer a sua alimentação, não são os alimentos, é no modo de fazer, é no preparo. Dificuldades também na língua, costumes, expressões do local, na exigência dos professores, na quantidade de conteúdos a serem estudados e ter que dar conta de tudo, enfim, por outro lado, há a satisfação pela oportunidade de poder realizar o sonho de melhorar a sua vida, dos familiares e de seu país, estar mais real e próximo.

Rubro nos diz que:

“Ainda estou vendo para o futuro o que vou fazer, qual a especialidade, qual o mestrado, sei que quero fazer algo não para ser reconhecido, mas algo para ajudar o desenvolvimento do meu país. Eu faço Administração Pública, vou ser um administrador público, então, não estou me formando para ser rico, um administrador público tem que pensar no povo, como o nome mesmo diz. Não sei ainda como, mas quero ajudar o meu país, talvez criar parcerias ou começar com iniciativa privada. Mesmo não sendo chamado para o governo, devo fazer algo assim que puder, para ajudar o meu país, seja em qual área for.”

Paulo Freire (1987, p. 35), nos traz como reflexão, que: “a superação da contradição é o

parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.”

O processo gera dúvidas, inseguranças, desânimo, mas o seu processo transforma o seu pensar, o agir e o buscar com interesse e vontade de mudar, mudar para um mundo melhor. O estudo exige dedicação, horas de estudo, para vencer as dificuldades no entendimento, alguns conhecimentos tomam lugar dos conhecimentos passados, outros agregam aos que já trazem, no entanto a identidade de sua origem permanece e em alguns trechos da caminhada transforma-se.

Então Lena nos coloca algumas mudanças já existentes em sua pessoa.

“Eu antes, não era assim eu era muito tímida e também não estudava muito, hoje em dia estudo até ao amanhecer quando tem prova, estudo com meus colegas, mudaram muito na minha vida, porque na Guiné eu só estudava quando ia a escola, depois quando chegava estudava só um pouco e dormia muito, mas hoje é diferente.”

Tito diz que: “hoje tem mais tempo com os livros, por causa da pressão dos professores, que querem ver o nosso crescimento”.

Nina diz:

“Posso dizer que já estou a mudar, porque sempre a academia muda uma pessoa e a academia é o lugar da pessoa sentir-se mais responsável, comprometer-se com o que está fazendo e comprometer-se também com a sua profissão. Eu acho realmente que estou a mudar, estou sendo uma outra pessoa, não só porque estou aqui no Brasil, mas também é a maturidade, estou a crescer e a maturidade as pessoas adquirem quando estão a crescer.”

A mudança é a transformação, a identidade é movimento, é metamorfose. Ciampa (2012, p. 14) diz: “é sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação.”

É fundamental ao falar de identidade retratá-la como metamorfose, como um processo que se dá desde o nascimento do sujeito até sua morte.

Desta maneira, “uma concepção de identidade como traço estático de que um indivíduo é dotado, propondo uma concepção que previa um desenvolvimento, dinâmico, de constante metamorfose: a gente ir se transformando permanentemente.” (CIAMPA, 2012, p. 14 )

A identidade transcende sua individualidade, que revela sua metamorfose, através da vida a ser vivida, da coletividade compartilhada com o outro, porém sua identidade pessoal permanece escondida. Os guineenses migram como uma maneira de defender a vida, de encontrar vida através de seus estudos, ser outra pessoa. A sua condição de estudante, na UNILAB, leva-os a produzir uma nova identidade, a do conhecimento.

Há uma transformação pessoal e, ao mesmo tempo, os estudantes Guineenses transformam o local, o ambiente que passou a ser a sua atual Guiné-Bissau, mesmo que seja temporariamente. Também na fala do colega Rubro confirma as mesmas mudanças.

“(…) Eu sinto que eu mudei na minha forma de esculpir, conversar, de analisar as coisas já são diferentes, porque eu já estou a ter uma visão mais científica das coisas. Embora meu professor de Guiné-Bissau falou para mim que só irei descobrir o que aprendi alguma coisa daquela cultura em que vivi só quando sair de lá, porque estando lá não vai perceber muito, não vai reparar tanto para a sua evolução, você só vai reparar nisso claramente quando sair de lá e voltar para a tua terra.”

Redenção, com a chegada dos estudantes mudou o cenário. Guiné-Bissau sai para outra Bissau, transferida, alojada em um cenário bucólico, que os remete a saudade, mas não a estranheza. O cenário muda, mas a alegria, a beleza africana permanece, em seu sorriso, no colorido de suas roupas,

nos penteados com os quais desfilam pelas ruas, sob a observação de muitos olhares, apresentam quem são os africanos a este novo lugar.

O que os torna fortes é a união, é a unificação pela mesma busca do conhecimento pessoal, acadêmico e a mudança social.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: E A HISTÓRIA CONTINUA...**

Apresento agora, um pouco da metamorfose dos guineenses. Como diz Ciampa (2012, p.14) “ir se transformando permanentemente.” Ao concluir a pesquisa, de antemão, já afirma-se que o referido estudo não se finda, pois se encontram aqui paginas incompletas, que retratam parte da história de vida de um povo. A pesquisa é contínua e desafiadora, como diz Minayo (1994, p. 27) “toda pesquisa produz conhecimentos e provoca mais questões para aprofundamento posterior.”

Ao investigar a história de vida dos guineenses, é importante ressaltar o potencial que existe em cada um. Com todas as dificuldades de seu país, com as questões silenciadas, a luta pela busca de novos conhecimentos, eles não estão parados, eles desejam retornar ao seu país, para contribuir com o desenvolvimento que, embora lentamente vem acontecendo.

Ao ser analisado o que leva os estudantes guineenses a busca pelo conhecimento científico no Brasil, percebe-se que há uma lacuna a se preencher, Guiné- Bissau, ainda é um país desprovido de tecnologias mais avançadas, por encontrar-se em processo de desenvolvimento. Os estudantes necessitam romper, temporariamente com seu país, com suas famílias, com o seu povo, para atravessar fronteiras e voar em busca deste crescimento intelectual.

Os aspectos educativos só são enriquecedores e podem ser verificados através da relevante contribuição cultural que os guineenses proporcionam ao nosso país, através de suas experiências, de sua força, do seu colorido, alegria e brilho. Apesar de todas as dificuldades em seu País, Bissau, eles têm uma forma de mostrar-nos o seu poder, através de sua força e sua vontade.

Entende-se que mesmo com a mudança de um país para outro, da rotina, da linguagem, não se pode esquecer a cultura de um país, do que se traz na alma e em sua essência.

É Compreendido que todos estão em processo de mudança, estão no sonho de aplicar os conhecimentos adquiridos em seu país de origem, pois Guiné-Bissau precisa muito de um crescimento educacional, para que haja o desenvolvimento tão sonhado. É muito importante que estes conhecimentos adquiridos na UNILAB cheguem até Bissau, para que o país possa oferecer mais condições às gerações futuras. Guiné-Bissau precisa crescer em vários aspectos, mas um país só cresce quando há uma educação significativa de seu povo.

A mim só estimula a continuar apoiando os guineenses em seus estudos, colaborando para a sua formação intelectual, estimulando ao estudo acadêmico, fazendo treinamento com os professores em Bissau, grupos de estudo com os estudantes no intuito de ajudar a este pedaço de mundo que se chama Guiné-Bissau.

Portanto, faz-se necessário melhores estruturas para que o conhecimento aflore com mais facilidade, para que os guineenses e demais companheiros de ideal, sintam-se mais acolhidos e nós possamos retribuir de forma grandiosa, tudo que pudermos oferecer para o crescimento dessa nação.

Há pretensão de aprofundar o estudo iniciado, dando oportunidade aos outros conhecerem o povo guineense e contribuir para o fortalecimento de sua identidade, seja em seu país ou pelo mundo em busca de crescimento intelectual e da transformação social.

Com certeza, hoje já não são mais os mesmos e, amanhã, ao retornarem ao seu país de origem, levarão em sua bagagem uma nova identidade adquirida. Portanto é contando, rememorando, que se fortalece e se consagra a identidade de uma sociedade. Dessa forma contando a trajetória dos guineenses, a história continua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CIAMPA, Antônio da Costa. A estória do Severino e a história da Severina, um ensaio da Psicologia Social, Ed. Brasiliense, 2005.
- FERRAREZI JUNIOR, Celso. Guia do Trabalho Científico- do Projeto a redação Final- Monografia, Dissertação e Tese, Ed. Contexto, 2011.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia, editora paz e terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, ed. Paz e Terra Educação, 1988.
- GUIMARÃES, Sérgio; FREIRE Paulo. A África Ensinando a gente, Angola, Guiné- Bissau, São Tomé e Príncipe, Ed. Paz e Terra, 2003.
- LACERDA JÚNIOR, Fernando; GUZZO, Raquel S. L. - Orgs, Psicologia Social para América latina- O Resgate da Psicologia da Libertação, Ed. Alínca, 2011.
- LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (Orgs.). Psicologia Social- O Homem em Movimento, Ed. brasiliense, 2012.
- LIMA, Aluísio Ferreira de (Org.), Psicologia Social Critica Parallaxes do Contemporâneo, Ed. Sulina, 2012.
- MATOS, Kelma Socorro Alves de (Organizadora). Educação Ambiental e Sustentabilidade IV, Ed. UFC, 2013.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social- Teoria, Método e Criatividade, Ed. Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, J. V. (01 de 01 de 2014). Guiné-Bissau. Acesso em 03 de 04 de 2014, disponível em Amigos das Escolas: [http://amigosdasescolas.org/?page\\_id=48&lang=](http://amigosdasescolas.org/?page_id=48&lang=)